

tudo e as “prendas minhas” muito bem vestidas, pois hoje também será escolhida a prenda mais bonita de Porto Alegre. Neste parque o mate correndo frouxo, os cavalos crioulos a galoparem na grama e a criançada seguindo a risca toda a tradição dos seus ancestrais dando-me a alegre certeza de que este belo regionalismo será perpetuado por estes ‘guris’.

Vejo agora um belo estádio à frente (que não me ouçam os gremistas!), só pode ser o Beira-Rio dos colorados. Ontem foi dia de Gre-Nau (é com u mesmo porque é Grêmio e Náutico de Recife), e a torcida do Internacional se vestiu de vermelho para torcer pelos pernambucanos contra os gremistas, pode?!

O percurso de Porto Alegre é bem plano, então, retão a frente que nos conduz pela avenida Beira-Rio até o bairro de Ipanema aonde, temos o clube Veleiros do Sul com a flotilha gaúcha de barcos que enchem as suas velas com o Minuano e outros ventos que sopram da Lagoa dos Patos. Embora o público não seja tão denso quanto as outras maratonas que corri, ele é bastante participativo, sobretudo em certas regiões como esta comunidade mais humilde após o Clube Veleiros do Sul, donde as famílias vão para a frente de suas casas fazer churrasco e a criançada fazendo muito barulho enquanto os corredores vão passando.

Meia maratona à vista, passo 4 minutos abaixo do previsto, cravo o cronômetro com a parcial de 1 hora e 56 minutos. Ta “tri-bom” como se diz aqui nos pampas. A felicidade toma conta de mim, a passagem na meia maratona abaixo do previsto é uma “baíta” injeção de ânimo. Após isto, começamos a voltar para a área urbana

de Porto Alegre, mais uma vez a sensação de retorno é demais...

Fazemos uma alça grande no sentido oeste da cidade pela Av. Chui e voltamos para leste à beira do Guaíba de novo refazendo o trajeto de vinda pela Av. Padre Cacique. Chegamos na “zona do agrião”, do quilômetro 27 ao 32, aqui tem que ter muito cuidado, todos os treinadores falam no tal de “hit in the wall”, a famosa parede que pode surgir na frente do maratonista entre o km 27 e 32. Converso com o Ronaldo, colega paraense que corre ao meu lado, e falo da importância de manter o ritmo aqui e sair inteiro a fim de encarar os 10 kms finais. Aqui, começamos a ver vários corredores andando, sentindo o cansaço que a esta altura freqüentemente acontece.

Ultrapassado este limite, fico pensando em escrever para o Boletim do CBR, já que tantos colegas do Brasil têm me procurado e pedido que eu continue escrevendo sobre as corridas para estimular novos adeptos. Volto a pensar em homenagear o Karpovas e procuro um “link” entre as corridas e esse magnífico radiologista, marido, pai, amigo, escritor, líder de classe e encontro uma série de adjetivos, substantivos, verbos e tudo mais que nos unem. Superação, luta, perseverança, planejamento, determinação, humildade, vontade de vencer, atingir objetivos. Muitas destas palavras eu aprendi o significado nos artigos que você escrevia, bem como nos nossos encontros em reuniões de diretoria, congressos, jornadas, fóruns, seminários, jantares, festas e viagens por esse Brasil afora e no exterior.

Quando me dei conta, já estava na marca do km 35 de volta ao Parque da Marinha do Brasil. Estes pensamentos positivos me ajuda-

ram muito neste período, mas confesso que desconcentrei um pouco. Quando me dei conta só estava cerca de 30 segundos à frente do tempo previsto e agora já na marca dos 37 km praticamente sem folga nenhuma no cronômetro. O público começa a avolumar-se, eu antecipadamente sabia que a Maratona de Porto Alegre apresentava uma subida de quase 2 quilômetros, exigindo esforço redobrado para vencer esta etapa final. No Km 41 passo com 3º 59’ e sinto fugir das minhas mãos o tempo abaixo de 4 horas enquanto subo o viaduto que dá acesso a Av. Goethe e chegada no Parque Moinho de Ventos, ouço a voz da Cris, e de amigos gritando, parabéns Tuca!, Vamos lá Tuca! Cruzo a linha de chegada e sinto mais uma vez aquela bela satisfação do dever cumprido. Outro número cabalístico 4º 04’44” (Paris foi no dia 4/04/04!), coincidência? Obrigado Karpovas até pela Cabala mais uma vez, muito obrigado mesmo!

Depois disto, não poderia faltar a comemoração com um belo churrasco gauchesco, em companhia do Amarílio; cirurgião torácico e vice-presidente do Hospital das Clínicas de Porto Alegre, meu companheiro de quarto e de cruz no nosso internato em Miami há 24 anos atrás; e ao lado de nossas famílias.

Dr. Arthur Lobo é vice-presidente Região Norte do CBR e maratonista